

A constituição trágico-metafórica do sertão na obra

Sargento Getúlio de João Ubaldo Ribeiro

letrônica

Kátia Caroline de Matia¹
Wilson Rodrigues de Moura²**Introdução**

“A literatura tende a recontar o processo ora como decadência ora como ascensão, ora com pessimismo, ora com otimismo, dependendo de que lado está: da modernização ou da ruína.”

Ligia Chiappini

O processo, referido na epígrafe como o histórico e o econômico de nosso país, quando “recontado” sob o viés literário, sendo este regionalista, de acordo com Chiappini (1995), carrega uma história que sempre surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização, a industrialização e a urbanização. Dessa forma, veremos como se dá o conflito entre o Sertão e o Litoral na obra *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro. Ambientada no nordeste brasileiro, em que, pela perspectiva de um narrador personagem, é uma obra configuradora de todo o esplendor de uma região do Brasil que não existe por si só, são os seus tipos que a constitui. Tipos estes reprimidos na sociedade sertaneja.

O Sertão existe em oposição ao avanço do Litoral desenvolvido e adquiriu tanto na etimologia quanto na Literatura uma conotação mítica que, na obra *Sargento Getúlio*, revela-se uma conotação metafórica.

Tal conotação, na trajetória da narrativa, apresenta o conflito existente entre os espaços: Sertão e Litoral. Em ambos transita o personagem Getúlio incumbido de uma ordem que, por sua atitude de herói trágico moderno, decide cumprir mesmo diante da situação de

¹Discente do 4º ano de Letras da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão.
E-mail: katmat_19@hotmail.com

²Mestre em Estudos Literários e docente da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão. E-mail: wilsonromoura@hotmail.com

inversão e de inexistência dessa mesma ordem, pois a luta dos gregos pelo símbolo do herói é retomada pelo protagonista.

A revelação que se gera por meio de sua tomada de atitude cria sua identidade, ou seja, este deixa de ser o outro, aquele que recebia ordens, e passa a ser o que realmente é, porém, só reconhece isso quando está no lugar do outro. É a diferenciação que permite a compreensão metafórica da obra.

A narrativa

Para maior compreensão do propósito deste trabalho relataremos de forma concisa o enredo de *Sargento Getúlio*:

O narrador-protagonista, sargento Getúlio, da polícia militar do Estado do Sergipe, recebe uma ordem de seu superior, Coronel Acrísio Antunes, para levar um preso político do interior do Sergipe até Aracaju. Nessa empreitada, é acompanhado pelo motorista Amaro, homem calado, companheiro de outros trabalhos. No meio da viagem, a situação política complica-se para o coronel e torna-se necessário que ele liberte o seu adversário político a todo custo. Para ver-se livre da situação danosa, ele manda outros policiais-jagunços buscarem o prisioneiro, afirmando não ter dado a ordem para que o sargento prendesse aquele que era o seu opositor. Getúlio, que percebe a traição, recusa-se a aceitar a contra-ordem e decide entregar o preso ao coronel, a todo custo. A insubmissão o faz passar da condição de militar temido, para a condição de fora da lei. O final trágico ocorre quando Getúlio, após longa fuga com o preso, encontra-se cercado por policiais e recebe um tiro. O sargento é um homem bruto, que como forma de sobreviver na miséria agreste, torna-se um matador sem escrúpulos. Por isso, executa as ordens de seu superior sem questionamentos de ordem ética. Fiel às suas obrigações e vivendo num mundo habitado por coronéis e cangaceiros, espelha-se na figura do chefe, que admira e inveja, e acha que o que faz é bom, se é ordenado pela autoridade.

Em *Sargento Getúlio*, percebemos a relação metafórica que estabelece a categoria do espaço da narrativa e as ações do personagem protagonista, histórico e socialmente situado, no emaranhado que se compreende a obra como uma Tragédia Moderna que se diferencia em alguns aspectos da Tragédia Clássica, mais especificamente nas noções de destino que circundam a trajetória do herói no decorrer de suas ações, propiciando um entendimento dos conflitos existentes tanto espacialmente quanto na tragicidade.

Dois espaços e um conflito

O que coloca o personagem Sargento Getúlio em conflito é justamente o conflito existente entre o espaço traçado em sua trajetória narrativa. Segundo Schüler (1989), Sargento Getúlio recuando a uma antiga concepção mítica, considera Sergipe o centro do mundo, desprezando o que se passa fora do pequeno Estado. Getúlio considera aquilo que não é Sertão como algo exterior a ele, algo que não o é.

Aristóteles na *Arte da Retórica* reporta-se ao processo usado por Homero que consiste em animar o inanimado, pela metáfora. O Sertão é um ambiente que alcança a conotação metafórica, construída pelo povo sertanejo em suas memórias, seus medos e coragens que perpassam os limites do tempo. É o cronotopo que diz Bakhtin (1979) em que a fusão dos conotados espaciais e temporais é um todo dotado de sentido e concretude. O tempo que se faz denso e compacto e torna-se artisticamente visível; o espaço intensifica-se e insinua-se no movimento do tempo, do trecho da história.

Nesse trecho da história que torna-se necessário o conhecimento histórico do sertão em oposição ao litoral. A palavra sertão tem designado o incerto, o desconhecido, o interior, numa perspectiva de oposição ao ponto de vista do observador, que se vê sempre no certo, no conhecido, no próximo, isto é, num lugar privilegiado e racional: no litoral. É um termo que traz em si as marcas do processo colonizador. A obscura etimologia que envolve o termo sertão motiva várias significações que ele foi adquirindo à medida que o espaço brasileiro ampliou-se de leste para oeste. Tais motivações constata Schüler(1989): na Literatura Brasileira considerando que o espaço, textualmente constituído, indiferente à paisagem observável, cria a atmosfera de sonho. Preservadas acenam as esperanças que os conquistadores prenderam ao Oeste inexplorado. O Oeste circunscreve também o lugar da reação selvagem, da sedução, da magia e do perigo.

Desse modo, considerando o Sertão como mítico, devido a sua significação adquirida, releva Miyazaki (1996) que no interior do Sergipe, a unidade mítica desejada por Getúlio, aos poucos vai se evidenciando principalmente a dicotomia Aracaju-litoral e sertão-agreste. Essa dicotomia se acentua mais e mais ao longo da narrativa. De acordo com Lins (1976), vemos ante um espaço ou um tempo inventados, ficcionais, reflexos criados do mundo e que não raro subvertem – ou enriquecem, ou fazem explodir – nossa visão das coisas.

Sargento Getúlio exerce a função de policial militar do Estado do Sergipe. O enredo desenrola-se no início da década de 1950, período em que ainda estava remanescente o coronelismo na região nordestina.

O contexto histórico do Nordeste aponta o engajamento como polícia a alternativa mais segura para o sertanejo que é obrigado a migrar para a cidade, e aí instalar-se. Para tanto, Sargento Getúlio recebe uma ordem de seu superior, o Coronel Acrísio Antunes, para levar um preso político de Paulo Afonso, no interior de Sergipe, até Aracaju, no litoral. Existe, portanto, uma relação de subordinação e de alienação entre Getúlio e Antunes.

Ocorre, pois, um primeiro momento em que o Sargento vê no líder o outro, Getúlio ama o outro como uma alteridade na medida em que nele reconhece a encarnação do que na sua visão seria a imagem acabada do homem vitorioso. Mas ao mesmo tempo, ama-se nele, desconhecendo que os valores erigidos assim como supremos foram doados, foram outorgados pelo outro. O simulacro do ser bem-sucedido no mundo que norteia Getúlio não provém do sertão, mas da própria cidade. (MIYAZAKI,1996, p. 90-1)

No caso, o desejo de Getúlio é o Litoral, seu objetivo é cumprir a ordem: levar o prisioneiro até o Litoral. Porém, no meio da viagem, a situação política complica-se para o coronel e torna-se necessário que ele liberte o preso, seu adversário político, a todo custo, ou seja, o coronel dá uma contra-ordem ao sargento. Fato do qual decorre o erro trágico de Getúlio, considerando a obra Sargento Getúlio um gênero dramático, caracterizado por ser uma tragédia Moderna. Segundo Lins (1976) é o que tende em geral a ocorrer, que a personagem transforme em atos a pressão sobre ela exercida pelo espaço.

Um herói metafórico

O destino na tragédia moderna está implícito no caráter do herói trágico. Na tragédia clássica, além do destino ser transcendente e dependente dos deuses, os personagens ocupam uma posição elevada na escala social; já na moderna, retrata-se o homem comum em meio ao seu cotidiano, que no caso é o protagonista da obra. Este toma uma decisão que o faz passar da condição de militar temido, para a condição de fora da lei. Na tragédia, conforme Girard (apud COSTA & REMEDIOS, 1988), quando um indivíduo sai da ordem passa a ser sacrificável, ou seja, o princípio da vingança predomina na recomposição do equilíbrio.

A Tragédia, como gênero dramático, é uma crise cujo ponto central é a ambiguidade. É o resultado de um mundo que se apresenta como o choque entre forças opostas. Sargento Getúlio está entre duas forças espaciais: o Sertão e o Litoral. A primeira, o espaço-sertão, do nordeste brasileiro, no qual é ambientada a obra, não é somente físico, é um espaço cultural. E é um ambiente que alcança conotação simbólica na cultura brasileira constituído por tipos

representativos dessa região, condicionados pelos recursos inerentes ao meio físico e ao sistema de trabalho.

A narrativa consiste na categorização do interior sertanejo como espaço da anticultura ou da não-cultura, do diferente, do distinto, de que se deve livrar, uma vez que se é um homem despachado. Assim torna-se necessário ingressar no espaço da cultura, onde se estima o fato de pertencer a um grupo, a uma coletividade vista como mais organizada, de feições mais definidas, tida como o espaço culturalmente resgatado do caos.

“(...) a atmosfera, designação ligada à idéia de espaço (...) consiste em algo que envolve ou penetra de maneira sutil as personagens, mas não decorre necessariamente do espaço, embora surja com frequência como emanção deste elemento, havendo mesmo casos em que o espaço justifica-se exatamente pela atmosfera que provoca.” (LINS, 1976, p. 76)

Getúlio escolhe a cidade porque entende ser a alternativa racional. Todo o programa narrativo age por um querer em que se assume a opção em detrimento do querer emocional, cujo objeto é o sertão. Segundo Miyazaki (1996) este encontro pelo Sargento de sua própria definição, – afinal ele é o Sargento Getúlio, da Polícia Militar do Estado de Sergipe, – se opõe à realidade da divisão interior do sertanejo que se dispõe como uma tensão, um conflito, entre o dever racional de ir para Aracaju e o querer emocional de ficar no interior. Nessa tensão, num primeiro momento, vence o dever que passa a ser assumido como querer racional. O querer racional é o erro de um sujeito dono do seu próprio destino. E na medida em que o homem é despachado, capaz de determinar a sua própria sorte, a sua história, faz parte de sua concepção de sujeito competente a coragem viril, ou seja, o erro justifica-se na concepção de que ele pode fazer seu próprio destino.

Getúlio se diz dotado de um saber inato, de que tem consciência (sabe que sabe ser); a ele faz seguir um saber-fazer, que o induz a tomar e a realizar a decisão correta, ir para Aracaju. O acesso aos novos valores culturais decorreria, portanto, dessa competência inata. Sobre a *performance* dela resultante — sair do sertão — exerce um fazer judicativo, julgando-a correta e acertada pragmaticamente. Ele impõe, desta maneira, uma avaliação axiológica da qualificação de ser despachado. Ser despachado é um predicado positivo. (MIYAZAKI, 1996, p. 88)

Assim como costamos no seguinte trecho do romance:

Mas se eu não sou um homem despachado ainda estava lá no sertão sem nome, mastigando semente de mucunã, magro como um filho do cão, dois trastes como possuídos, uma ruma de filhos, um tico de comida por semana e um cavalo mofino para buscar as tresmalhadas de qualquer dono. (RIBEIRO, 1982, p. 14).

Após longa fuga com o preso, Getúlio encontra-se cercado por policiais no litoral, recebe um tiro e morre. Este representa tanto o ponto de revelação metafórica de Sargento Getúlio entre o Sertão e Litoral, quanto o ponto de revelação trágica do herói.

É a sua semelhança com o Sertão que Getúlio mostra sua bravura e sobrevive enquanto está nele. Afinal como indaga Lins (1976) onde, por exemplo, acaba a *personagem* e começa o seu *espaço*? A separação começa a apresentar dificuldades quando nos ocorre que mesmo a *personagem é espaço*.

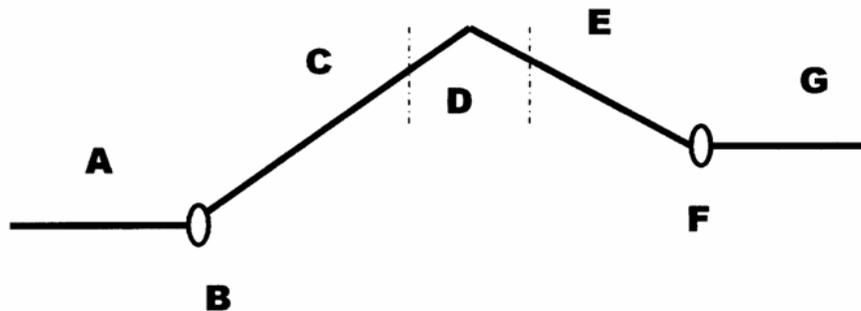
Quando esse herói chega ao litoral cumprindo uma ordem que só existe para ele gera-se a desordem e as semelhanças que o uniam ao seu espaço, que o davam força e discernimento dos fracos, deixam de existir. Tudo o que existe são diferenças. É por meio das diferenças suprimidas no litoral que entendemos a semelhança entre Getúlio e o seu espaço. O mítico, o emocional, é o que é Sargento Getúlio e este uma metáfora.

Tenho essa terra toda. Isso eu tenho, essa terra toda eu tenho, porque quem me pariu foi a terra, abrindo um buraco no chão e eu saindo no meio de umas fumaças quentes e como eu outros ela sempre vai parir, porque essa terra é a maior parideira do mundo todo. (RIBEIRO, 1982, p.153)

Recorrendo novamente a Bakhtin (2004) é possível compreender que, por meio do processo dialógico entre Sargento Getúlio e o espaço/sertão, o primeiro torna-se polifônico, liberta-se como indivíduo é “outro sujeito, outro eu (...) a quem cabe revelar-se livremente.” Daí ocorre o reconhecimento de Getúlio como si mesmo no seu ponto de revelação. Assim como afirma Miyazaki (1996), os investimentos culturais, compõem no imaginário do sertanejo os códigos que o reinstalam, antes de mais nada, no espaço natural, cósmico do sertão. Só com base nele, desse imaginário, pode Getúlio traduzir a expressão "eu sou eu". “Eu era ele, agora eu sou eu”. Expressão reiterada na obra que revela o processo de transformação - como poderíamos chamar – do sertão em metáfora.

Abaixo, uma esquematização baseada na estrutura da tragédia moderna de acordo com Tennyson (1967) em *Introduction to Drama*, e adaptada aos nossos propósitos, pode esclarecer as relações já expostas.

ESTRUTURA TRÁGICA DE SARGENTO GETÚLIO



- A: *Exposição* - Constituição simbólica do espaço sertão;
- B: *Força incitadora* - A busca pela honra/ sobrevivência;
- C: *Ação crescente* - Sair do seu espaço, ir ao litoral;
- D: *Ponto de Virada* - Inversão da ordem dada pelo Coronel;
- E: *Ação decrescente* - Não aceitação da contra-ordem;
- F: *Clímax*: A existência de Getúlio só é possível no Sertão;
- G: *Catástrofe* – Morte do herói no Litoral e constituição metafórica.

Como vimos Getúlio adquire sua identidade quando reconhece o espaço do outro, o lugar desejado, o litoral. Para Azevedo (2001), “é quando justapostos que os contrários se tornam mais evidentes” e a “justaposição de contrários implica que é apenas por meio da diferença que as identidades podem surgir”, essa justaposição, portanto, é dialética na relação estabelecida entre personagem e espaço.

Considerações Finais

Sargento Getúlio, na transposição de seus limites espaciais, proporcionou a constituição do sentido metafórico do espaço. É no conflito entre Sertão e Litoral que a identidade de Sargento Getúlio surge, assim como surge sua *arete* – termo da tragédia que significa a virtude do herói – mesmo depois de sua morte.

Por meio da diferenciação, explicitada pela sua empreitada com o prisioneiro, entre Sertão e Litoral, podemos conhecer o próprio Sertão da obra. É, também, o sentido metafórico de Sargento Getúlio que permite sua existência no Espaço/Sertão e ao mesmo tempo sua morte no Litoral, duas forças que permitiram a decorrência do trágico. O protagonista é histórico e ideologicamente o Sertão. E o Sertão, na obra, é metaforicamente Sargento Getúlio. Como diz Paz (1982) há um ponto em que isto e aquilo (...) se fundem. E esse ponto

está em cada momento. O isto espaço se fundiu com o aquilo personagem desde a existência de cada um, o primeiro originou o segundo e vice-versa. Esta compreensão possibilita um entendimento do homem circunscrito num espaço metafórico na história e na literatura brasileira.

Não é o acaso e muito menos o destino que fez Sargento Getúlio sucumbir no Litoral e tornar-se o homem violento que foi no seu próprio espaço. Pois, segundo Bakhtin (2004), o signo torna-se a arena onde se desenvolve a luta de classes. A função trágica de tratar de problemas de ordem universal, referentes a todo e qualquer ser humano revela-se ao trazer a tona um herói dono do seu próprio destino. Ser dono do seu próprio destino, é ter sua própria identidade, é ser humanizado pelo seu meio, daí entendemos o meio, o espaço Sertão, como uma metáfora do que realmente constitui Sargento Getúlio. Getúlio é o Sertão, uma metáfora identificada pela diferenciação espacial e de formação de identidade por meio do conflito social, econômico, cultural, histórico, ideológico e trágico existente.

Referências

AZEVEDO, Ana Vicentini de. **A metáfora paterna na psicanálise e na literatura**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 7.a ed. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

COSTA, Lígia Militz & REMÉDIOS, Maria Lúcia Ritzel. **A tragédia**: Estrutura e história. São Paulo: Editora Ática, 1988.

CASTRO, Walter de. **Metáforas Machadianas**: estruturas e funções. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1977.

CHIAPPINI, Ligia. **Do beco ao belo**: dez teses sobre o regionalismo na literatura. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, n.15, 1995, p.153-159.

BAKHTIN, Mikhail. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11. ed. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

KOTH, Flávio. **O Herói**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

LEITE, Lígia C. Moraes. **Regionalismo e Modernismo**. São Paulo: Editora Ática, 1978.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Editora Ática, 1976.

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.2, p.206, dez./2010.

MIYAZAKI, Tiekō Yamaguchi. **Um tema em três tempos**. João Ubaldo Ribeiro, João Guimarães Rosa, José Lins do Rego. São Paulo: Fundação Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAZ, Octávio. **Signos em Rotação**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

PIZARRO, Ana. **América Latina: Palavra, literatura e Cultura**. Vol.2. Emancipação e Discurso. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RIBEIRO, Mário Sérgio. **Símbolo, Mito e Filosofia da História: no pensamento de Antônio Quadros**. Londrina: UEL, 1997.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

SCHÜLER, Donaldo. **Teoria do Romance**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

TELES, Gilberto Meça. **Escrituração da Escrita**. São Paulo: Editora Vozes. 1996.

TENNYSON. G. B. **Introduction to Drama**. New York, 1967.

VIANNA, Hildegardes. **Folclore Brasileiro**: Bahia. FUNARTE, 1981.